

# GRUPO TERAPÊUTICO INFANTIL E MEDIAÇÃO DAS EMOÇÕES NA INFÂNCIA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

*CHILDREN'S THERAPEUTIC GROUP AND MEDIATION OF EMOTIONS IN  
CHILDHOOD: AN EXPERIENCE REPORT*

*GRUPO TERAPÉUTICO INFANTIL Y MEDIACIÓN DE LAS EMOCIONES EN LA  
INFANCIA: UN RELATO DE EXPERIENCIA*

✉ Maria Gabriela Soares Lopes<sup>1</sup>, ✉ Fernanda Gomes Lopes<sup>2</sup>, ✉ Letícia Leite Bessa<sup>3</sup>, ✉ Natália Caitano Crispim<sup>4</sup>

## RESUMO

A infância, como fase de desenvolvimento emocional, encontra no grupo terapêutico uma ferramenta essencial para o fortalecimento das relações sociais e do aprendizado por meio do brincar. Este estudo teve como objetivo apresentar a experiência de observação da atuação da psicologia em um grupo terapêutico infantil, por meio de um relato de experiência. Nos resultados, foram abordadas as interações entre as crianças, destacando a importância do grupo na formação de vínculos e no fortalecimento emocional. Na discussão, alinhada às teorias do desenvolvimento, foram articuladas questões relacionadas à infância, emoções, violência e experiências vividas em grupo. O artigo evidenciou o papel do brincar e a atuação da psicologia na mediação da dinâmica, apresentando o grupo como uma estratégia potente de expressão. A relevância do texto reside nas discussões sobre a necessidade de grupos terapêuticos na infância, considerando-os espaços de expressão e subversão dos padrões culturalmente violentos.

**Descritores:** *Terapia de Grupo; Infância; Psicologia.*

## ABSTRACT

Childhood, as a phase of emotional development, finds in the therapeutic group an essential tool for strengthening social relationships and learning through play. This study aimed to present the experience of observing the work of psychology in a children's therapeutic group, through an experience report. The results addressed the interactions between the children, highlighting the importance of the group in forming bonds and emotional strengthening. In the discussion, aligned with development theories, issues related to childhood, emotions, violence and experiences lived in a group were articulated. The article highlighted the role of play and the role of psychology in mediating the dynamics, presenting the group as a powerful strategy of expression. The relevance of the text lies in the discussions about the need for therapeutic groups in childhood, considering them spaces for expression and subversion of culturally violent patterns.

**Keywords:** *Group Therapy; Childhood; Psychology.*

## RESUMEN

La infancia, como fase del desarrollo emocional, encuentra en el grupo terapéutico una herramienta esencial para fortalecer las relaciones sociales y el aprendizaje a través del juego. Este estudio tuvo como objetivo presentar la experiencia de observación de la actuación de la psicología en un grupo terapéutico infantil, a través de un relato de experiencia. Los resultados abordaron las interacciones entre los niños, destacando la importancia del grupo en la formación de vínculos y fortalecimiento emocional. En el conversatorio, alineado con las teorías del desarrollo, se articularon cuestiones relacionadas con la infancia, las emociones, la violencia y las experiencias vividas en grupo. El artículo destacó el papel del juego y el papel de la psicología en la mediación de la dinámica, presentando al grupo como una poderosa estrategia de expresión. La relevancia del texto radica en las discusiones sobre la necesidad de los grupos terapéuticos en la infancia, considerándolos espacios de expresión y subversión de patrones culturalmente violentos.

**Descriptores:** *Terapia de Grupo; Infancia; Psicología.*

1 Universidade de Fortaleza. Fortaleza/CE - Brasil. 

2 Universidade de Fortaleza, Instituto Escutha. Fortaleza/CE - Brasil. 

3 Universidade de Fortaleza. Fortaleza/CE - Brasil. 

4 Universidade de Fortaleza. Fortaleza/CE - Brasil. 

## INTRODUÇÃO

A infância é um período repleto de descobertas e desenvolvimento de habilidades fundamentais, como o reconhecimento de emoções e a formação de vínculos sociais. As crianças buscam no ambiente os elementos para se constituírem como sujeitos, nutrindo-se emocionalmente pelas relações sociais. Nesse contexto, o papel dos adultos, especialmente pais e educadores, é essencial para apoiar e facilitar esse desenvolvimento. Contudo, a falta de conhecimento e sensibilidade dos adultos pode comprometer o crescimento infantil, resultando em déficits motores, linguísticos e emocionais. Assim, reforça-se a importância de um acompanhamento cuidadoso por parte de todos os envolvidos no cuidado infantil<sup>1</sup>.

Nesse contexto, uma experiência grupal terapêutica<sup>2,3</sup> pode ser potencializadora de um campo rico de experiências, além de propiciar espaços para o brincar e para a comunicação, permitindo que as crianças possam trabalhar questões emergentes durante esse período de desenvolvimento. O presente artigo tem como objetivo compartilhar a experiência adquirida por meio de um projeto de campo realizado como parte de uma disciplina universitária, focada na investigação de técnicas e práticas do psicólogo no âmbito da Psicologia Grupal infantil.

As organizadoras do grupo desenvolveram o projeto em resposta à crescente demanda de crianças para terapia individual, mas que enfrentam limitações financeiras, bem como à escassez de vagas em serviços públicos. Elas propuseram uma experiência terapêutica grupal mais acessível, democratizando o acesso à saúde. Motivadas pelo interesse em entender os processos infantis e o impacto das práticas grupais em crianças vulneráveis socioeconomicamente, buscaram explorar como esses processos ocorrem no contexto grupal e as oportunidades que oferecem para promover o desenvolvimento saudável das crianças.

## METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa qualitativa baseada em um relato de experiência<sup>2,4</sup>, aliada à pesquisa de campo e à observação não participante<sup>5</sup> para explorar as dinâmicas de um grupo terapêutico infantil. O relato de experiência, conduzido pelo autor como observador não participante, detalha sua vivência de campo ao acompanhar as experiências das crianças no grupo. A observação, estruturada pelo roteiro de Moscovici<sup>6</sup>, destaca elementos-chave do funcionamento grupal, como objetivos, motivação, comunicação, processo decisório, relacionamento, liderança e inovação. A abordagem qualitativa aprofunda a compreensão das vivências, revelando a complexidade das relações interpessoais e a importância de um ambiente estruturado para abordar questões emocionais, gerando insights valiosos sobre o potencial do grupo terapêutico como espaço seguro para expressão, desenvolvimento social e fortalecimento de vínculos.

Os dados foram coletados por meio de observações sistemáticas realizadas junto a um grupo terapêutico e as supervisões coletivas semanais, ocorridas entre agosto e novembro de 2023. Os grupos foram conduzidos por duas estagiárias, enquanto uma

professora responsável liderava as supervisões, facilitando uma análise detalhada dos aspectos observados. Participamos de duas supervisões e quatro encontros.

Vale ressaltar que todos os cuidados éticos necessários foram respeitados. As visitas foram realizadas apenas com a autorização apropriada. As considerações foram utilizadas apenas para fins acadêmicos, sem exposição de nenhum participante do grupo.

## RESULTADOS

O grupo total era composto por 40 alunos de uma escola pública, divididos em quatro subgrupos semanais, organizados por série e turno, em uma sala da universidade. Os encontros duraram uma hora e ocorreram no contraturno escolar. O grupo era formado por 10 crianças do 2º e 3º ano do ensino fundamental. A mediação foi feita por duas estagiárias, com supervisão semanal de uma professora da graduação. Este grupo é identificado pelas facilitadoras como terapêutico, mas integra também atividades psicoeducativas e psicossociais.

Os encontros do grupo ocorreram em uma sala de aula comum, que foi adaptada para acomodar as crianças, com o afastamento das cadeiras, o uso de caixa de som, a disposição em círculo no chão e utilização de recursos audiovisuais e materiais lúdicos providenciados pelas estagiárias. O planejamento das atividades era estruturado semanalmente.

As atividades realizadas eram de cunho terapêutico, estimulando o espaço de fala e a busca de significações por meio do brincar. Ao longo das observações, foram utilizadas ferramentas como UNO, Jenga, Detetive, Jogo das Emoções, Toru e dinâmicas de aquecimento. O contato com os cuidadores acontecia ainda de maneira lenta, por intermédio da escola e com um grupo do WhatsApp. Ademais, também foram realizados dois encontros (um em cada mês) como uma tentativa de integração entre os pais, os filhos que fazem parte do grupo e as realizadoras do projeto.

No início dos encontros, eram sempre realizadas dinâmicas de aquecimento, promovendo a cooperação e a interação entre os participantes. Durante as atividades, foi possível observar diferentes posturas e interações no grupo, evidenciando aspectos individuais e coletivos. Algumas crianças demonstravam maior iniciativa e liderança, enquanto outras precisavam de mais tempo para se inserir nas atividades. As facilitadoras respeitavam os ritmos individuais e faziam adaptações quando necessário, garantindo um ambiente seguro e acolhedor para todos.

Um dos encontros foi iniciado com uma dinâmica com bombons, seguida por atividades lúdicas como o jogo Toru. Durante a dinâmica, observou-se que dois alunos tiveram destaque no grupo, sendo notório os incômodos com as brincadeiras competitivas. Em outros momentos, duas outras crianças apresentaram dificuldades em lidar com a frustração da derrota, levando a saída de um integrante do grupo. Ao longo das atividades, as mediadoras estimularam reflexões sobre competição, cooperação e significações atribuídas ao brincar.

No outro dia do grupo, houve uma brincadeira de batata quente, na qual questões emocionais foram abordadas. As crianças relataram experiências de castigo, punições físicas e suas percepções sobre amor e disciplina. A visão de que “quem ama castiga”

foi expressada por algumas crianças, com a ideia de que quem ama impõe disciplina, às vezes de forma agressiva, como usando chinelos. Alguns relataram situações de violências que sofreram e isso foi discutido posteriormente com as mediadoras, para ser realizado um trabalho posterior junto à família.

Em momentos espontâneos, durante os encontros, surgiram falas sobre a raiva e maneiras de lidar com emoções. O grupo se tornou um espaço em que as crianças puderam resolver questões que aconteciam entre elas na escola. Uma das crianças, por exemplo, apesar de expressar sentimentos de raiva e tristeza de forma bem-humorada ou evitar falar sobre eles, encontrou no ambiente grupal um espaço acolhedor e seguro. A influência e o apoio das outras crianças permitiram que ela discutisse e enfrentasse suas emoções de maneira aberta. Essa dinâmica também facilitou a discussão de situações do cotidiano escolar que impactavam nas suas relações, promovendo um entendimento mais profundo das suas vivências.

Em outra atividade proposta, cada criança tinha a tarefa de elogiar um colega, o que resultou em diversas formas de reconhecimento e manifestação de afeto. Surgiram elogios como o talento artístico de um, o jeito engraçado de outro, a alegria trazida por um colega e a inteligência de outro, que se percebia como inteligente mesmo sem obter boas notas. Durante esse processo, as mediadoras também receberam elogios das crianças, sendo valorizadas como figuras de referência que demonstravam escuta atenta e acolhimento.

De forma geral, as adaptações nas dinâmicas permitiram que cada participante explorasse seu papel no grupo, refletindo sobre suas interações e sobre como lidar com desafios e frustrações. Dessa forma, o grupo se consolidou como um espaço de trocas significativas, em que as crianças puderam explorar emoções, desenvolver habilidades sociais e fortalecer vínculos, sempre respeitando suas singularidades e promovendo um ambiente de crescimento mútuo.

A atuação nesse grupo proporcionou uma perspectiva rica e valiosa não apenas para as crianças, mas também as facilitadoras e observadoras. Cada encontro era uma oportunidade de ver a teoria sendo posta em prática, permitindo-nos refletir sobre como as crianças lidavam com suas emoções e desafios diários. O poder do grupo, como um espaço seguro para resolver problemas emocionais e de relacionamento, era evidente.

A observação e a participação no grupo suscitaram reflexões sobre a dinâmica de grupos terapêuticos infantis e seu impacto no desenvolvimento das crianças. As interações observadas entre os participantes, bem como as respostas às diferentes atividades propostas, revelaram a complexidade das relações interpessoais nessa faixa etária e a importância de um ambiente estruturado, porém flexível, para abordar questões emocionais e sociais.

A maneira como as crianças lidaram com temas como competição, frustração, expressão de emoções e reconhecimento do outro, por meio dos elogios, demonstra o potencial do grupo como um microcosmo social, permitindo que habilidades importantes possam ser desenvolvidas. A abordagem das facilitadoras, respeitando os ritmos individuais e adaptando as atividades conforme necessário, parece ter sido fundamental para criar um espaço seguro onde as crianças se sentiram à vontade para explorar suas emoções e comportamentos.

## DISCUSSÃO

O brincar, como ferramenta terapêutica central nas atividades do grupo, demonstrou ser um poderoso catalisador para a expressão emocional e a construção coletiva de significados. Esta abordagem não apenas destacou a importância do lúdico na formação simbólica da realidade infantil, mas também proporcionou um espaço seguro para que as crianças elaborassem seus desejos e experiências<sup>2,7</sup>.

Nas dinâmicas grupais, observou-se que as crianças assumiram diversos papéis, demonstrando a fluidez desse processo. Paralelamente, notou-se uma evolução significativa nas interações infantis, em consonância com a teoria piagetiana<sup>8</sup>, que postula a progressão das relações de coatividade em direção à cooperação mútua. Inicialmente, prevaleceu o respeito unilateral, característico de relações hierárquicas, mas, com o desenrolar das atividades e a convivência contínua, transcorreu-se gradualmente para um modelo de cooperação mútua. Este processo revelou-se fundamental para fomentar o desenvolvimento da cooperação e a construção coletiva de normas compartilhadas<sup>8</sup>.

Um exemplo marcante dessa evolução foi observado quando uma das participantes verbalizou a importância do respeito ao outro, mesmo em situações de vitória, ilustrando o desenvolvimento de aprendizagens sociais e morais, em que conceitos como justiça e empatia começaram a se consolidar<sup>8,9</sup>. Essa progressão nas relações interpessoais demonstra como o ambiente grupal pode catalisar o desenvolvimento socioemocional das crianças<sup>1</sup>, promovendo uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais e fortalecendo habilidades essenciais para interações saudáveis e construtivas<sup>3</sup>.

As dificuldades enfrentadas por um dos participantes ao lidar com derrotas são compreendidas pela fase infantil da alternância entre diligência e inferioridade, que é essencial para o desenvolvimento da autoimagem<sup>9</sup>. Enquanto ele apresentava sinais de frustração, outro participante demonstrava uma busca por reconhecimento através da competição, evidenciando diferenças nas experiências subjetivas de autoeficácia.

A discussão sobre castigo e violência parental demonstra como as crianças internalizam percepções sobre disciplina e amor, reforçando os impactos negativos da punição coercitiva no desenvolvimento emocional infantil. A fala de uma participante de “quem ama castiga” reflete uma concepção culturalmente enraizada, que associa a disciplina ao sofrimento<sup>10</sup>. Além disso, os relatos de violência normalizada e a percepção das mediadoras sobre a necessidade de intervir junto às famílias reforçam a preocupação com os efeitos negativos dessa abordagem<sup>10</sup>.

Um dos participantes encontrou dificuldade em expressar abertamente emoções complexas, frequentemente recorrendo ao humor ou evitando o assunto. Esse comportamento denota a necessidade de desenvolvimento de competências emocionais, à medida que o contato com questões emocionais se evidencia como um desafio, indicando o uso de mecanismos de defesa, como a evitação, para lidar com sentimentos difíceis<sup>1</sup>. Esse fenômeno pode ser compreendido como uma tentativa de regulação para minimizar o desconforto emocional, protegendo-se de possíveis vulnerabilidades<sup>10</sup>. A

compreensão desses mecanismos é fundamental para promover intervenções terapêuticas mais eficazes, que explorem de forma segura e gradual o contato genuíno com as próprias emoções.

Por fim, vale ressaltar que a coordenação do grupo foi de suma importância para o sucesso das dinâmicas terapêuticas, garantindo um ambiente seguro e acolhedor, permitindo que as crianças se sentissem à vontade para se expressar, trocando experiências e sentimentos<sup>2,3</sup>. As facilitadoras demonstraram valores essenciais como ética e respeito, combinados com um equilíbrio emocional, além de possuírem as habilidades cognitivas e comunicativas necessárias para as interações. Atuando como figura transferencial e modelo de identificação, facilitaram a formação de vínculos positivos entre os participantes. A integração de elementos lúdicos foi cuidadosamente implementada, facilitando um engajamento das crianças de forma mais natural e prazerosa no processo terapêutico. Além disso, sua capacidade de adaptação às necessidades individuais de cada aluno assegurou que todos se sentissem incluídos e respeitados, criando um espaço propício para o fortalecimento emocional e a expressão genuína.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência adquirida por meio da observação do grupo ofereceu uma visão profunda das etapas de planejamento e execução de intervenções terapêuticas, revelando o grupo como um espaço central para a expressão verbal e emocional das crianças. Este ambiente favoreceu a comunicação aberta, promoveu a empatia e facilitou a formação de vínculos, ao mesmo tempo em que proporcionava um cenário estruturado para a troca de emoções e desafios. A utilização do roteiro de Moscovici foi fundamental na sistematização dos dados, enriquecendo a interação entre facilitadoras e participantes e aprimorando a compreensão da dinâmica grupal.

Entretanto, a limitação temporal do acompanhamento restringiu a observação de progressos a longo prazo, evidenciando a necessidade de estudos futuros com escopos mais amplos. A escassez de literatura específica sobre grupos psicoterapêuticos para crianças sublinha a importância de mais pesquisas nessa área. Experiências como esta são essenciais na formação de psicólogos, promovendo a construção de habilidades fundamentais como a escuta qualificada, a postura profissional e a condução ética, além de prepará-los para uma prática mais eficaz e humanizada.

Concluimos com a convicção de que o impacto positivo dessas intervenções ultrapassa o ambiente imediato do grupo, afetando potencialmente o desempenho escolar, as dinâmicas familiares e o desenvolvimento individual de cada criança participante. Esta experiência não só enriqueceu nossa formação profissional, mas também reafirmou o valor de proporcionar ambientes seguros e acolhedores que promovem o crescimento e a livre expressão infantil.

## REFERÊNCIAS

1. Marin AH, et al. Competência socioemocional: conceitos e instrumentos associados. Rev Bras Ter Cogn. 2017 Dez;13(2):92-103. Disponível em: [pepsic.bvsalud.org](http://pepsic.bvsalud.org). Acesso em: 8 abril de 2025.



2. Barbosa VD, Vieira MFE, Dela Costa GCS, Rocha ILS, Silva JC, Souza JM. O brincar na sala de espera: relato de experiência das ações do PET Saúde Gestão e Assistência. *Rev Panorâmica*. 2024;42(Edição Especial).
3. Silva MKO, Pinheiro JEDS, Machado DN, Lima IKS, Lopes ACT. Grupo terapêutico com pais e responsáveis de crianças com transtornos globais do desenvolvimento. *Cad ESP*. 2023;17:e1733.
4. Mussi RFF, Flores FF, Almeida CB de. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. *Práxis Educ*. 2021;17(48):60-77. DOI: 10.22481/praxisedu.v17i48.9010. Disponível em: [periodicos2.uesb.br](http://periodicos2.uesb.br). Acesso em: 08 de abril de 2025.
5. Mónico LS, Alferes VR, Castro PA, Parreira PM. A observação participante enquanto metodologia de investigação qualitativa. *Atas CIAIQ2017. Investigação Qualitativa em Ciências Sociais*. 2017;3.
6. Moscovici F. *Desenvolvimento interpessoal*. Rio de Janeiro: José Olympio; 1985.
7. De Oliveira VMB, Perrone RAP. O brincar como sustentáculo da saúde mental da criança. *Rev Psic Crian Adolesc*. 2018;9(1):49-66.
8. Piaget J. *O juízo moral na criança*. Porto Alegre: Artes Médicas; 1994.
9. Erikson EH. *O ciclo de vida completo*. Porto Alegre: Artmed; 1998.
10. Patias ND, Siqueira AC, Dias ACG. Bater não educa ninguém! Práticas educativas parentais coercitivas e suas repercussões no contexto escolar. *Educ Pesqui*. 2012;38(4):981-996.